

# **A dor e o sofrimento na poética de António Jacinto**

Fabio Mario da Silva<sup>1</sup>

O sofrimento e a dor são dois lexemas que aparentemente remetem a uma mesma significação; contudo, como ressalta Arantes Gonçalves, o que há em comum entre ambos é tão só a noção de emoção negativa (GONÇALVES, 2001, p. 306). Com a reiteração da sua similaridade criaram-se vários preconceitos que levaram a algumas problemáticas como, por exemplo, apenas recentemente haver a preocupação do tratamento da dor em fases agudas, visto durante séculos ter-se pensado nesta como sofrimento, levando a uma atitude passiva de compaixão, da sua aceitação como punição, castigo, justo merecimento, fazendo parte da condição humana:

Podemos sofrer sem ter dor ou ter dor sem sofrimento. O sofrimento não é a dor, mas causado pela dor, sobretudo quando ela se associa a contextos de perda, com ameaça da integridade do homem nas várias dimensões biológica, psicológica ou social. O sofrimento é um aspecto cognitivo da dor. (GONÇALVES, 2001, p. 306)

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo / FAPESP / CLEPUL.

Na poética de António Jacinto esses significantes também possuem variados sentidos<sup>2</sup>. Primeiramente, deparamo-nos com o sofrimento do contratado, um novo tipo de escravo que, coagido pela condição colonizadora, se desloca para campos de duro trabalho e, alienado no seu árduo cotidiano, sente sofrimento também causado pela saudade<sup>3</sup>. O mais famoso exemplo desta condição é “Carta dum contratado”, poema que nos remete a uma saudosa lembrança da amada, e em que a impossibilidade de ler e escrever de ambos, para encurtarem a distância entre si, causa desespero e frustração<sup>4</sup>. Nesses versos, de lamento em lamento, canta-se a amargura de uma paixão interrompida devido ao contrato:

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio  
de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue

---

<sup>2</sup> Corroboramos Fernando Guimarães na sua reflexão de que podemos encontrar no texto literário vários aspectos do sentido deste vocábulo: “Diga-se desde já que, em literatura, um termo como dor acaba por ser enformado ou pautado por valores expressivos diferentes. Daí a passagem de um possível sentido único para uma multiplicidade de sentidos, que podem transitar de palavra para palavra. Sobretudo no caso da poesia, as palavras cruzam-se, estabelecem entre si múltiplas influências, indo assim, contra distinções meramente conceptuais” (GUIMARÃES, 2001, p. 142).

<sup>3</sup> Aliás, sobre o amor e a saudade referi anteriormente que “na poética jacintiana o amor é condicionado pela mudança de espaços e reflete o carácter social daqueles que são separados em benefício do colonizador” (SILVA, 2013, p. 89).

<sup>4</sup> No poema “Nuvem Passageira”, contido na obra *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, o “eu” lírico não tem mais consciência de si próprio, num momento de reflexão e angústia: “Olho-me: / serenamente / morri / Alguém morreu de mim dentro” (JACINTO, 1985, p. 59).

desta saudade a que vivo todo entregue (António Jacinto, “Carta dum contratado”, in JACINTO, 1982, p. 29)

É o que acontece também no poema “Se disser”, no qual o amor e a saudade se confundem com as sensações dolorosas: “Se disser amor como prece / É por amor que me apetece / Direi também Saudade e Dor” (António Jacinto, “Se disser” in JACINTO, 1982, p. 87). Não é por acaso que António Braz Teixeira alude, relativamente aos versos de António Jacinto, a um aspecto essencial para a filosofia da saudade e que estaria intimamente ligado com a falta e o vazio: “a instantânea superação ou anulação do tempo e da ausência, na sua forma mais definitiva e dolorosa, que, no seu dinamismo, a saudade realiza” (TEIXEIRA, 2004, p. 165). Aliás, há um poema, “Doramor”, que nos remete ao amor como uma possível imagem feminina, “Dora”, e neste caso, o desejo ansioso de realização amorosa traz ao “eu” poético a lamentação:

Amar é, – por, e com ele – em verdade, dor  
Que amor não é, se dor não se isola

Dor de sofrer ansiedades, ansiedades que amor  
Na pira que da dor esplandece amor, imola (António Jacinto, “Dora”, in JACINTO, 1982, p. 81)

Já no poema “Castigo pro comboio malandro” denuncia-se a desumanidade de homens transportados como animais para as lavouras, sendo o contrato a forma mais comum do sofrimento do povo angolano:

Tem outro  
Igual como este dos bois  
Leva gente,  
muita gente como eu  
cheios de poeira  
gente triste como os bois  
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje  
mas o preto não morre

canta só sua tristeza (António Jacinto, “Castigo pro comboio malandro”, in JACINTO, 1982, pp. 24-25)

Segundo Maria Rosa Monteiro, este poema é paradigmático na obra jacintiana, pois descreve a “urbanidade de uma sociedade colonizada, quotidiano dessa sociedade na sua crueza e poesia (...), denúncia (...) do regime colonial e das suas «máscaras»” (MONTEIRO, 2001, p. 221).

Contudo, é também preciso lembrar, como refere Enrique Ocaña, que se a experiência medieval da dor estava condicionada fisicamente por epidemias coletivas e simbolicamente pela concepção bíblica, já a experiência moderna traz uma outra dinâmica, através, por exemplo, das guerras de libertação nacional (como assim acontece na poesia jacintiana) e dos valores nascidos durante a Revolução Francesa e nos é resumido por Ocaña:

Sufir y luchar por la nación bojo situaciones de excepción es responsabilidade de cada ciudadano, incluso del más paria. Es un trabajo que no sólo se impone como obligación o castigo, sino que se siente orgullosamente como derecho o privilegio: labor y dolorya no son tanto estigmas bíblicos de una ciudadanía responsable. El mecanismo de aglutinamiento invoca el sacrificio, la aceptación del dolor y aun de la muerte mesma como momento de socialización extrema de la existencia colectiva. (OCAÑA, 1997, pp. 59-60)

Ou seja, nota-se que na poética jacintiana a dor e o sofrimento possuem uma maneira muito específica de serem encarados<sup>5</sup>, estando ligados à condição social marginalizada da maioria da população. Da mesma forma que o poeta assume o posicionamento marxista, deparamo-nos com uma forma de expressão na qual a preocupação metapoética sobressai, muitas vezes, em relação a um debate político. Por isso,

---

<sup>5</sup> Aliás, Ernest Jünger adita que mesmo como critério imutável, a dor é variável: “en cambio, el modo y manera como el ser humano se enfrenta a él. Com cada una de las mudanzas significativas que acontecen en su temple básico se modifica también la relación del ser humano com el dolor” (JÜNGER, 2003, p. 13).

o fato de privar-se do labor da escrita causa no poeta um sofrimento torturante:

“Impotência”

Amanhã,  
quando alvorecer a nova aurora,  
virei de novo fazer versos  
– os meus versos! –

Amanhã  
nascerá nova esperança  
de poder transmitir  
o meu pensamento.

Amanhã,  
– já sei –  
nova angústia me invadirá,  
blasfemarei a divindade,  
serei Tântalo muito sofrendo  
olhando a pena imóvel  
e o papel alvo.

Amanhã,  
como hoje  
e como ontem,  
torturantemente,  
num sofrer delirante  
que me endoidecerá  
verterei lágrimas salgadas,  
– tintas do sangue da revolta –  
porque não sei escrever  
nem posso cantar  
esta Poesia,  
que sinto borbulhar quente nas veias africanas  
e vive dentro meu coração de angolano!

Amanhã,  
esperarei o novo amanhã. . . (Luanda, 1949)<sup>6</sup>

O sofrimento aqui advém através de um sentimento nacionalista inexprimível, uma poesia ritmadamente africana que se quer fazer em versos, visto que o ato de escrever é o unguento para as suas chagas, proporcionando acalento ao seu coração angolano. Expressa-se aqui que o sangue é a tinta que poderia (poderá) escrever a estória duma angústia infinda, daquele que diante da impotência de sua vida espera por alvorecer de um novo futuro. Esse sofrimento dito é igual ao de Tântalo, que condenado pelos deuses foi lançado no Tártaro e se vê sentenciado a um eterno suplício, já que mesmo num vale abundante com frutos e água, não consegue saciar a sua fome – quando mais próximo de seu desejo se concretizar, mais distante ele fica de si, restando apenas, como assim acontece ao “eu” lírico, a esperança num futuro sem sofrimento.

Contudo, o poeta canta vários pesares causados por injustiças sociais, para isso utilizando diversas metáforas e comparações. Em “Monangamba” o trato do café é equiparado à condição do negro:

O café vai ser torrado,  
pisado, torturado,  
vai ficar negro, negro da cor do contratado (António Jacinto,  
“Monangamba”, in JACINTO, 1982, p. 32)

As problemáticas de gênero não são esquecidas, dado que os versos apontam para o duplo sofrimento de muitas mulheres que, obrigadas pela pobreza e pela distância de seus companheiros, se sujeitam à prostituição:

---

<sup>6</sup> Transcrição de um documento datilografado e assinado pelo poeta, poema esse não conhecido nas mais conhecidas edições de sua obra, tanto em Portugal como em Angola, e que faz parte do Espólio de Mário de Andrade. Tal peça integrará a antologia de António Jacinto que está a ser preparada por mim e pela escritora Ana Paula Tavares.

Na sua casa entra gente e mais gente  
seu corpo é pegado por mãos e mãos  
seus olhos já não têm brilho ardente (António Jacinto, “Pantano”  
(uma história de Musseque), in JACINTO, 1982, p. 42)

Até às crianças é vedado um futuro no qual a sua condição social delimita a perspectiva de vida, prevendo-se a chegada do sofrimento mais cedo:

Minina piquena  
que fugiu à escola  
... um dia  
há-se amadurar tristemente cedo  
à luz radiosa do sol quente. . .  
... às mãos impuras da rua. . . (António Jacinto, “Naufrágio”, in JACINTO, 1982, p. 38)

Porém, é com a publicação de *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, livro poético escrito durante o seu período carcerário, que as temáticas da dor e do sofrimento avultam com mais significância. Lá diz-se que: “A Vida é / função contínua / nos limites da dor” (António Jacinto, “Arquipélago”, in JACINTO, 1985, p. 33). Este arquipélago, além de trazer solidão e autopunição aos seus “solferidos” (António Jacinto, “Ilha do Sal”, in JACINTO, 1985, p. 44), reflete nos seus habitantes a própria imagem de Jó.

Por fim, no poema “Quando alguém nos morre” António Jacinto faz uma análise profunda da dor e do sofrimento nas relações humanas, apontando o caráter masoquista em algumas situações. Vejamos:

Montámos a alfândega da dor  
para cobrar direitos  
impostos de lágrimas  
que os outros têm de pagar quando se morre.  
Não lamentamos o morto  
lamentamo-nos porque o morto nos fugiu

parente, que já não quis nosso parentesco amigo, que já não quis  
nossa amizade  
inimigo que desprezou nossa inimizade  
lamentamos a morte  
sem nossa licença, isso o que falta, a nossa licença  
o nosso consentimento.  
Um morto é um traidor  
mais que deixar de sofrer deixou de sofrer-nos  
que se evadiu do nosso sadismo  
e masoquistamente sofremos  
o não sofrer-nos, o não sofrer  
o não sofrer é para nós ou por nós.  
O morto é um aviso  
ou um conselho que não pedimos nem queremos  
e tememos  
porque sempre choramos por nós, por nós  
e por nossa gente.  
É a nossa a morte que choramos na morte dos outros (António  
Jacinto, “Quando alguém nos morre”, in JACINTO, 1985, p. 69)

O poema relata que a dor é o mecanismo, ou o aviso, para cobrarmos um nosso direito, o direito de posse sobre o Outro – a dor associada à perda e à morte desvela-se como ato egocêntrico visto lamentarmos alguém que *nos fugiu*. Neste caso, a dor e o sofrimento advêm da indignação perante uma situação inesperada, assim como de um certo despeito, pois para o poeta buscamos a satisfação na presença do Outro (amigos ou parentes) e o morto torna-se um “traidor” que já não está mais presente para nos satisfazer. Sofremos, por isso, pela falha nas nossas próprias necessidades. Ao mesmo tempo, o poema diz-nos também que nos projetamos na morte do outro (“É a nossa morte que choramos na morte dos outros”) antecipando-nos em comiseração pelo fim de nossa existência.

Em suma, o sofrimento, causado muitas vezes pela dor na obra de António Jacinto, tanto pode ser envolto de traços metapoéticos, políticos, ou amorosos, ser narcisista ou empático, tanto quanto revelador de



traços que apontam a condição psíquica e/ou social da sua produção. Aliás, Eunice Cabral, ao se referir ao poema “Canto interior de uma noite fantástica”, revela que neste poema, – comentário este que podemos estender a outros versos, como, por exemplo, “Monangamba” – apesar do sentimento expresso pelo “eu” lírico ser individual “não altera a justiça da luta colectiva” (CABRAL, 2010, p. 14), preocupação essa constante em sua obra. Se a dor é um processo “individual e de certa forma impartilhável, ao contrário do prazer” (MACEDO, 2001, p. 78), na poética jacintiana ela aparece como componente dinâmica e de partilha que leva o leitor a um estado de consciência reflexiva, que questiona o ato humano de escravidão e a nossa relação com essa sensação tão comum e complexa à natureza humana.

## Bibliografia

CABRAL, Eunice, *Roteiro de Literatura Contemporânea em Língua Portuguesa*, Évora, Universidade de Évora, 2010.

GONÇALVES, Arantes, “Da sensação à expressão de dor”, in Maria José Cantista (org.), *Dor e sofrimento. Uma perspectiva interdisciplinar*, Porto, Campo de Letras, 2001.

GUIMARÃES, Fernando, “Transformar a dor num poema”, in Maria José Cantista (org.), *A dor e o sofrimento: abordagens*, Porto, Campo das Letras, 2001.

JÜNGER, Ernest, *Sobre el dolor seguido de la movilización total y fuego y movimiento* (tradução de Andrés Sánchez Pascual), Barcelona, Ensayo Tusquets Editores, 2003.

JACINTO, António, *Poemas de António Jacinto* (prefácio de Costa Andrade), Luanda, Inald; Porto, Limiar, 1982.

JACINTO, António, *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*, Luanda, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1985.

MACEDO, José Maria Costa, “A dor no mundo como desafio à racionalidade”, in Maria José Cantista (org.), *Dor e sofrimento. Uma perspectiva interdisciplinar*, Porto, Campo de Letras, 2001.

MONTEIRO, Maria Rosa da Rocha Valente. *C.E.I. Celeiro do sonho. Geração da Mensagem*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2001.

OCAÑA, Enrique, *Sobre El Dolor*, Valencia, Pre-Textos, 1997.

SILVA, Fabio Mario da, “A mensagem poética de António Jacinto”, *Navegações*, vol. 6, n.º 1, janeiro-junho de 2013.

TEIXEIRA, António Braz, “Expressão e sentido da saudade na poesia angolana”, *Cadernos Vianenses*, n.º 34, 2004, p. 165 (versão eletrónica, consultada a 16 de Novembro de 2013 em <http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20081028102516.pdf>).